



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TIMON – CESTI
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Amanda Silva Nunes
Anna Beatriz Feitosa dos Santos

A importância do diálogo sobre relações étnico raciais no âmbito escolar no 2º período da educação infantil na escola municipal EMEF Nazaré Rodrigues em Timon-MA

TIMON – MA

2024

Amanda Silva Nunes

Anna Beatriz Feitosa dos Santos

A importância das relações étnico raciais no âmbito escolar no 2º período educação infantil na escola municipal EMEF Nazaré Rodrigues em Timon-MA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão UEMA, como requisito para obtenção do título de graduada em pedagogia.

Orientadora: Prof. (a) Dra. Emanuella Geovana Magalhães de Souza

TIMON – MA

2024

Nunes, Amanda Silva.

A importância do diálogo sobre relações étnico raciais no âmbito escolar no 2º período da educação infantil na escola municipal EMEF Nazaré Rodrigues em Timon-MA / Amanda Silva Nunes, Anna Beatriz Feitosa dos Santos. - Timon - MA, 2024.

59 f.

Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Timon, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Emanuella Geovana Magalhães de Souza.

1. Relações étnico racial. 2. Educação. 3. Racismo. I. Santos, Anna Beatriz Feitosa dos. II. Título.

CDU: 37:323.14

Elaborado por Adriana Melo Lima - CRB 13/842

AMANDA SILVA NUNES
ANNA BEATRIZ FEITOSA DOS SANTOS

A importância das relações étnico raciais no âmbito escolar no 2º período educação infantil na escola municipal EMEF Nazaré Rodrigues em Timon-Ma

Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Emanuella Magalhães.

Aprovada em 04 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA
Data: 14/05/2024 17:56:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. (Emanuella Geovana Magalhães de Sousa)
Orientadora-UEMA

Documento assinado digitalmente
 NAYRA RAQUEL PINHEIRO SALES
Data: 01/05/2024 10:47:12-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. (Nayra Raquel Pinheiro Sales)
Membro-UEMA


Prof. (Willame Carvalho e Silva)
Membro-UEMA

Timon-Ma
2024

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me dar forças e permitir a conclusão deste curso. Aos meus pais e irmãos por sempre estarem ao meu lado me apoiando, com o máximo de satisfação possível. E por fim, agradeço a mim mesma, que insisti nessa trajetória árdua, porém gratificante. Foram 06 anos de graduação, e eu venci!!!

Dedico este trabalho a Deus, a minha família. Tais como minha mãe e filha, por tanto apoio e incentivo a elaboração e efetivação do TCC, pois são elas minhas forças e ponto seguro. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu alicerce nesta caminhada árdua e complexa, em que por várias vezes me reergueu quando pensei em desistir. Foram seis anos de estudo, onde esta trajetória iniciou no ano de 2018. Foram muitas as angústias e medo, por não saber ao certo como seria o amanhã, mas Deus esteve sempre presente em minha vida, e em noites, de desespero por não saber como concluir o curso, me acalmei e confiei nas promessas dEle.

Segundamente, agradeço a minha família por todo o suporte e apoio, pois fui mãe muito jovem, aos 16 anos, e mesmo com uma responsabilidade enorme, sempre tive o desejo por me qualificar e ter uma profissão. Minha mãe sempre se dispôs a cuidar da minha filha quando iniciei o curso, e na modalidade presencial, necessitava ir a Universidade para assistir as aulas. Nestes momentos, pude contar com todo o amor e carinho que minha mãe tem por minha filha para que pudesse estudar.

Ao passar do tempo, me surpreendi com uma segunda gravidez, esta que poderia vir a aniquilar meus sonhos, apenas me deu mais força para seguir com a graduação. Meus filhos foram e são a minha fortaleza, por eles enfrentei todas as dificuldades possíveis, para que hoje com este trabalho, eu possa demonstrar ainda mais o meu amor por eles.

Aos meus pais e irmãos possuo imensa gratidão, por toda a força durante essa trajetória acadêmica, graças a Deus sempre pude contar com a ajuda deles. Meu pai e meus irmãos, foram imensamente importantes nessa caminha, por eles tenho total sentimento de gratidão. Agradeço também de forma não menos especial, a professora orientadora desse trabalho Emanuella, que instruiu de forma clara e sucinta este trabalho.

Por fim, agradeço a minha parceira de turma, que caminhou comigo neste trabalho e a mim mesma por estar aqui, concluindo a minha tão desejada graduação. O sentimento é de gratidão, pois até aqui o Senhor me ajudou.

Amanda Silva Nune

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso, foram muitos, pandemia, dentre outros, nada foi capaz de me parar ao longo dessa caminhada.

Agradeço a minha parceira, pois ela foi um pilar importantíssimo nessa minha caminhada. Amiga, obrigada por tanto, nós conseguimos.

Agradeço a minha mãe e irmão que me incentivaram e motivou nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto me dedicava à realização desse trabalho que não foi nada fácil.

Agradeço a professora Emanuella pelos ensinamentos e correções que me permitiram apresentar um bom desempenho no meu processo profissional.

Gratidão é a palavra que me define nessa reta final, obrigada, meu senhor, pois foi quem me sustentou.

Anna Beatriz Feitosa dos Sant

“Fala-se muito em empatia, em colocar-se no lugar do outro, mas empatia é uma construção intelectual, ética e política.”

(Djamila Ribeiro)

RESUMO

Tendo em vista que o Brasil foi um país que sofreu por mais de três séculos com a escravidão, práticas racistas diariamente são vivenciadas em vários ambientes, inclusive no âmbito escolar e isso se torna uma preocupação. Neste cenário, buscou-se entender a importância das relações étnico raciais no âmbito escolar no 2º período da educação infantil na escola municipal EMEF Nazaré Rodrigues em Timon-Ma. O presente estudo teve como objetivo geral analisar práticas pedagógicas antirracistas como forma de conscientizar e combater o racismo entre alunos na educação infantil. Nesse contexto, o objetivo da educação das relações étnico-raciais visa possibilitar o reconhecimento de pessoas negras na cultura brasileira, a partir de suas contribuições epistemológicas, artísticas, culturais e outras como forma de ampliação da visão de mundo, desenvolvendo cidadãos empáticos, humanizados e que respeitam a existência dos outros, uma educação aberta às diversidades. Para tanto, construímos uma proposta pedagógica com metodologias diversificadas com o propósito de se trabalhar as relações étnico raciais ainda na educação infantil, de maneira lúdica, mas também crítica, como forma de combater o racismo. A pesquisa teve como abordagem a pesquisa qualitativa e se utilizou de pesquisa de campo, bem como uma observação numa turma de 2º período da educação infantil na escola EMEF Nazaré Rodrigues. Além disso, foi realizada entrevista com a professora da referida turma. Como resultados, percebeu-se que existe uma necessidade de se trabalhar diariamente a educação racial não somente em datas comemorativas como é visto no convívio escolar, portanto elaboramos uma proposta pedagógica com o intuito de conscientizar por meio das mesmas ações interventivas na educação infantil.

Palavras-chave: Relações étnico racial, educação, racismo.

ABSTRACT

Considering that Brazil was a country that suffered for more than three centuries from slavery, racist practices are practiced daily in various environments, including schools, and this becomes a concern. In this scenario, we seek to understand the importance of ethnic-racial relations in the school environment in the 2nd period of early childhood education at the municipal school EMEF Nazaré Rodrigues in Timon-Ma. The general objective of this study was to analyze anti-racist pedagogical practices as a way of raising awareness and combating racism among students in early childhood education. In this context, the objectives of ethnic-racial relations education aim to enable the recognition of black people in Brazilian culture, based on their epistemological, artistic, cultural and other contributions as a way of expanding the world view, developing empathetic, humanized and that respect the existence of others, an education open to diversity. To this end, we built a pedagogical proposal with varied methodologies with the purpose of working on ethnic-racial relations in early childhood education, in a playful but also critical way, as a way of combating racism. The research approach was qualitative research and used field research, as well as observation in a 2nd period early childhood education class at the EMEF Nazaré Rodrigues school. Furthermore, an interview was carried out with the teacher of that class. As a result, we see that there is a need to work on racial education on a daily basis, not only in commemorative data as seen in school life, therefore we have developed a pedagogical proposal with the aim of raising awareness through the same intervention actions in early childhood education.

Keywords: Ethnic-racial relations, education, racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CONSTRUÇÃO DO RACISMO	15
1.1 O contexto histórico do racismo no Brasil.....	15
2. RACISMO E ESCOLA.....	20
2.1. O racismo no contexto da educação infantil	20
3. LEIS 10.639/2003 e 11.645/2008.....	25
3.1. Avanço na educação: Criação de leis 10.639/2003 e 11.45/2008	25
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISES DE DADOS.....	29
4.1 Abordagem e tipo de pesquisa	29
4.2 Procedimento de coleta de dados	30
4.3 Descrições de campo e sujeitos.....	31
4.4 Resultados e discussões da pesquisa	32
4.5 Observação de recursos didáticos.....	32
4.6 Observação da rotina em sala de aula e entrevista com a professora: apontamentos para o diagnóstico da realidade escolar.....	34
5. PROPOSTA PEDAGÓGICA	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
APÊNDICES	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca evidenciar um questionamento que surgiu em meio as vivências educacionais que percorremos no decorrer da academia e de nossas vidas. A proposta aqui apresentada parte do pressuposto que o processo de formação social sofreu com uma miscigenação forçada, estruturalmente desigual. Segundo Ortegá (2018, p.424):

É a categoria genocídio negro que traduz esse processo ativo, dotado de intencionalidade e racialmente determinado. É essa a categoria responsável por retirar a questão do racismo de seu local clássico, sobretudo no Brasil, de passividade, aleatoriedade, condicionando-a como subproduto das desigualdades de classe do capitalismo. Esse genocídio não pode ser compreendido sem que se compreenda também a diáspora negra, como categoria que dá ao racismo a profundidade histórica que este possui, desvelando os contínuos persistentes até hoje entre o que ocorreu no início do século XVI e o que acontece em pleno século XXI com a população negra.

Diante do exposto, buscamos investigar as relações étnico raciais iniciando em seu contexto histórico, visto que a falar sobre racismo ainda pode ser algo distante e isolado, principalmente quando se trata da educação infantil. Em nossa pesquisa, pudemos analisar, que o racismo se encontra estruturado em nossa sociedade. Isso se deve ao fato, de que por muito tempo, o negro foi tido como objeto, de uso, sem importância, nem valor. Isso porque sua funcionalidade estava voltada apenas para mão de obra escrava, condicionada a situação de inferioridade.

Ao longo do tempo, as mudanças provenientes de lutas, e manifestações fizeram com que o negro passasse a ter a sua condição humana valorizada, mesmo que de forma lenta e desigual. Entretanto, o estereótipo do negro, formulado em nossa sociedade desde o período da colonização continua a ser disseminado nas relações humanas.

Nesse contexto buscamos analisar o processo de formação crítico-social de alunos, no que diz respeito às relações étnico sociais, onde partimos da seguinte questão problema: Quais práticas antirracistas podem ser efetivadas numa turma de 2º período da educação infantil como

forma de conscientizar e combater o racismo? O objetivo geral desta pesquisa é analisar práticas pedagógicas antirracistas como forma de conscientizar e combater o racismo na educação infantil. A pesquisa ocorreu na turma do 2º período da educação infantil na Unidade Escolar Municipal Nazaré Rodrigues localizada na cidade de Timon-Ma.

A pesquisa realizada possui cunho qualitativo, resultando assim em dados já brevemente conhecidos, porém confirmados em campo para elaboração de uma proposta pedagógica. Nesse contexto, esse trabalho busca através da pesquisa qualitativa que segundo Mynaio, Deslandes e Gomes (2009) apontam que a mesma pode o caminho para o entendimento, e uma prática a ser exercida na realidade. Em outras palavras, a abordagem qualitativa inclui um método, conhecido como abordagem, a estratégia pré-determinada para alcançar os resultados, ou seja, as técnicas, e a capacidade social e empática do pesquisador de analisar os dados coletados.

Após a estruturação metodológica, organizamos o roteiro de pesquisa, e pontos importantes a serem investigados. A pesquisa de campo, permitiu enxergar a realidade educacional que os alunos da referida escola municipal fazem parte. Ainda com o intuito de melhor compreender a realidade pesquisada realizamos uma entrevista com a professora da turma. Esse contexto investigativo, permitiu conhecermos a realidade investigada, ou seja, as práticas pedagógicas voltadas para as relações étnico raciais e como essa temática é inserida nessa etapa da educação básica, promovendo uma reflexão sobre nosso papel como ser humano e educadoras.

Passamos então a pensar uma proposta pedagógica que pudesse contribuir para uma possível aplicabilidade em sala de aula, auxiliando professores e pesquisadores. Isso porque esta pesquisa previamente já nos dispõe da necessidade de intervenção em campo. Deste modo, a proposta aqui apresentada, busca bloquear ações negativas existentes no âmbito pesquisado.

Neste caso, a escola possui papel fundamental na formação crítico social do indivíduo. As primeiras relações com as diversidades ocorrem no ambiente familiar e no ambiente escolar. Desde a educação infantil, a convivência com pessoas afrodescendentes é vivenciada. É nessa questão, a qual julgamos a intervenção como forma preventiva para que essas crianças cresçam providas de conhecimento e não compactuem ou pratiquem racismo.

Mediante o exposto é importante mencionar que a valorização da diversidade étnico-racial é um dos princípios fundamentais da Educação Infantil, previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no 2º período. Portanto, é dever das Instituições

Educacionais promover o respeito e a valorização das diferentes culturas e etnias, bem como combater o preconceito e a discriminação.

Passamos então a perceber um questionamento acerca das diversidades na educação infantil, sendo assim elaborada nossa questão problema, para lembrar, quais práticas antirracistas podem ser efetivadas numa turma de 2º período da educação infantil como forma de conscientizar e combater o racismo. Além disso delimitamos que a pesquisa necessita envolver pontos específicos, como a forma de trabalhar as questões étnico raciais na educação infantil, bem como propor ações, que estimulem o conhecimento sobre tema. Verificar como as práticas racistas acontecem, bem como são praticadas no ambiente escolar. Outra questão relevante diz respeito ao papel do professor como mediador de conflitos, o papel da família nessas situações e a gestão como parte fundamental de apoio as questões educacionais.

Com base nisso, investigamos as relações étnicas raciais no contexto escolar, como etapa fundamental no processo de formação da identidade. Essa etapa influencia diretamente nas relações sociais dessas pessoas no futuro, sendo a justificativa desse trabalho analisar a importância de trabalhar o racismo em sala de aula. O presente trabalho propõe uma análise fundamentada sobre as questões raciais, com um olhar crítico, possibilitando a elaboração de alternativas para esse problema.

Portanto trabalhar as relações étnico-raciais na educação infantil é de extrema importância, pois é nessa fase que as crianças começam a construir sua identidade e a perceber as diferenças e semelhanças entre elas e as outras pessoas ao seu redor e, sobretudo pela intensificação da construção da identidade delas. Também salientamos que algumas experiências contribuíram para a construção dessa pesquisa, a saber as disciplinas de estágios, inicialmente direcionado a educação infantil, onde nós despertamos o interesse pela investigação sobre a percepção das crianças nessa etapa de ensino. Ao longo da universidade passamos pelo estágio direcionado ao ensino fundamental menor e em seguida o maior. Ambos reforçaram que as vivências escolares contribuem positivamente quando trabalhadas de forma assertiva.

Diante do exposto, este trabalho está organizado da seguinte forma: parte introdutória, construção histórica do racismo, o contexto racista e a educação, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Em seguida dissertamos sobre a metodologia da pesquisa, como todas as partes envolvidas. Apresentamos a proposta pedagógica, com ênfase em ações que podem ser trabalhadas no âmbito escolar do ensino infantil, em seguida concluimos com as considerações.

1. A CONSTRUÇÃO DO RACISMO

Esta seção possui como finalidade esclarecer sobre a construção do racismo no Brasil, discutindo acerca do racismo estrutural, e dos termos comumente utilizados em nossa sociedade como: preconceito, racismo e discriminação. O intuito deste capítulo abrange o diálogo sobre o contexto em que o termo racista está associado.

1.1 O contexto histórica do racismo no Brasil

É fato que o Brasil, país localizado na América do Sul, possuiu em seu processo de colonização a participação de várias etnias, entre eles portugueses, africanos e os povos originários. Durante esse processo, diversas culturas foram menosprezadas e inferiorizadas, principalmente dos africanos e indígenas. Ao analisar a colonização brasileira, Freyre (2003, p 34) acrescenta:

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibra ou se hostiliza. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos.

O que se percebe é a afirmação de uma superioridade europeia em detrimento daqueles considerados preconceituosamente de inferiores, como os povos africanos trazidos forçosamente para o solo brasileiro. Sua mão de obra, e seus direitos inexistentes naquele período, faziam com que suas vidas fossem diretamente voltadas para produção de insumos. Além das situações trabalhistas inexistentes, as mulheres negras eram tidas como objetos sexuais. Ainda de acordo com Freyre (2003, p 36) “Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata” Ou seja, as relações existentes entre os senhores brancos e

mulheres negras, além de constituírem uma situação de abuso sexual, acabaram por contribuir para a miscigenação existente em nosso país, uma política de genocídio do povo africano em solo brasileiro como destacou Nascimento(1967,p. 50):

Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade. Um dos recursos utilizados nesse sentido foram a mentira e a dissimulação) A consciência do mundo guarda bens~ viva a lembrança do colonialista Portugal encobrindo sua natureza racista e espoliadora através de estratégias como a designação de "Províncias de Ultramar" para Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; como as leis do chamado indigenato, proscovendo, entre outras indignidades, a assimilação das populações africanas à cultura e identidade portuguesas. Essa rebulice colonizadora pretendia imprimir o selo de legalidade, benevolência e generosidade civilizadora à sua atuação no território africano. Porém todas essas e outras dissimulações oficiais não dissimularam a realidade, que consistia no saque de terras e povos, e na repressão e negação de suas culturas -ambos sustentados e realizados, não pelo artifício jurídico, mais sim pela força militar imperialista.

Nesse sentido, é possível identificar o contexto de socialização que ocorreu em nosso país, o que é falado sobre o racismo no Brasil dentro e fora dos ambientes escolares, não condiz com a realidade que o povo negro viveu. As situações desprezíveis e insalubres que os negros eram expostos, são contadas como situações de fatalidade, sem o contexto real de violência e escravidão.

A miscigenação decorrente do genocídio brasileiro como afirma Nascimento surgiu como solução para uma “macha negra” onde mulheres negras eram estupradas pelos senhores brancos originando assim pessoas com características mistas, conhecidas como mulatos, pardos, morenos entre outros. Logo, o desrespeito a mulher negra, na qual era exposta as relações sexuais frequentes resultavam nas quantidades significativas de crianças fruto desses atos ilícitos.

Nesse contexto ao analisarmos a formação histórica do nosso país, é possível identificar que preconceitos foram criados, logo nossa identidade possui marcas de sofrimento, onde a discriminação, racismo, preconceito entre os povos africanos e indígenas, permeia nossa atualidade. Para melhor identificar esses termos no contexto social, é preciso conceituar as nomenclaturas existentes nesse cenário. Ao falar de raça, Almeida (2019, p. 16) conceitua: “Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico”.

Refletindo acerca do contexto histórico o termo “raça” é utilizado como forma de diminuir a existência do negro e naturalizar a segregação em nossa sociedade. Já o termo racismo, segundo Almeida (2019, pg.22): “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. ” Sendo assim, o racismo está presente desde o início da colonização, enraizado por diversos fatores históricos e sociais, apresenta-se em nosso cotidiano, naturalizado como se não houvesse importância para as partes envolvidas. Já a discriminação racial é “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” Almeida (2019, p.23) isto significa que a discriminação racial retrata as situações em que alguém é destrutado devido ao grupo que pertence, pelo simples fato de estar incluso nessa comunidade. Logo o preconceito racial “é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo radicalizado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias Almeida, (2019, p. 22). Nesse sentido, o preconceito pode ser identificado como um pré-julgamento de algo, sem conceito concreto estabelecido, sendo este relacionado à um grupo minoritário, que sofre com o julgamento precoce.

Embora estejam relacionados, esses conceitos possuem significados distintos, e encontram-se estruturados em nossa sociedade. Ao discutir o racismo, se faz necessário analisar a estruturação e reprodução dessas práticas, bem como o devido posicionamento nessas situações de conflito. Nessa conjuntura, é preciso analisar o papel das instituições de ensino, as quais estão presentes no processo de formação dos indivíduos, ou seja, é de suma importância que as instituições não tratem as desigualdades raciais, como mera normalidade. Logo, se não houver intervenções, essas práticas facilmente reproduzidas, tendem a ser banalizadas.

Portanto, o racismo é uma prática que possui um contexto histórico e social, a qual permeia um sentimento de inferiorização em pessoas afrodescendentes, historicamente construído. Marcas da história apontam que os negros são depreciados, e as situações racistas em nossa sociedade, são ignoradas e algumas vezes nem vistas. Dessa maneira o negro carrega consigo a desvalorização em sua história está condicionada as situações depreciativas, sem compreender que as suas origens possibilitam a construção de uma identidade social. Segundo Gomes (2009, p 44)

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com ela.

As práticas racistas contribuem negativamente para a formação da identidade do indivíduo, sendo essa uma das razões pelas quais, os negros sofrem tanto no âmbito escolar, acarretando prejuízos na sua formação. A escola detém da responsabilidade de educar pessoas para a sociedade, que já se encontra estruturada de forma preconceituosa e racista. É preciso enfatizar as práticas antirracistas para exterminar ou pelo menos minimizar o efeito do racismo na sociedade.

Ao analisar o contexto escolar como peça fundamental de formação socioeducativo do indivíduo, a escola passa a ser um ambiente difícil para quem possui origens afrodescendentes. Ser negro implica em ser algo ruim, de pouco valor, a sua imagem está atrelada à submissão, inferioridade, em decorrência do processo de colonização. À vista disso, Cunha (2009) afirma que são criadas várias expectativas baseadas em um discurso de escolas democráticas e igualitárias, porém não ocorrem práticas efetivas e concretas que eliminem as situações racistas. O racismo por muitas vezes não é repreendido em contexto escolar, tampouco considerado relevante a ser trabalhado, isso porque existem situações negligenciadas, ditas sem importância. A falta de ações incisivas sobre práticas racistas permite que esse processo prevaleça no ambiente escolar e demais ocasiões, promovendo assim um racismo estrutural, que segundo Almeida (2019, p.38.): “O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiferente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica.” Neste contexto, podemos analisar que o racismo não ocorre de forma esporádica, ou seja, dizer que “isso só podia ser coisa de negro” por exemplo, não reflete uma ação impensada.

Neste caso, esse exemplo transparece o racismo estrutural, recorrente em nossa sociedade, de modo natural e sem efeitos. De fato, o racismo vai muito além de um fato impensável, algo que pode ser ou não acompanhado de violência, como se vê atualmente noticiado por exemplo nas mídias sociais, pode-se afirmar como a negação de direitos que

foram brutalmente negados. Cada ato racista praticado, reflete o que nossa sociedade possui de construção histórica, nesse sentido precisamos refletir sobre a estruturação do racismo, primordialmente nos ambientes escolares. As práticas racistas devem ser encaradas como uma questão estrutural da nossa sociedade, investigar as causas e entendê-las faz parte desse projeto.

Família, escola e professores constituem o contexto de desenvolvimento indelével do indivíduo, desse modo, a forma como a situação é tratada reflete diretamente na formação desta identidade. As deficiências encontradas no âmbito escolar são resultantes de políticas públicas mal instruídas, ou não efetivadas de maneira concreta, logo é encontrado um abismo entre o que é deve ser feito e o que está sendo feito. Segundo Lima (2005, p. 60)

Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial.

De acordo com Gomes (2005) o mito da democracia racial consiste em uma corrente ideológica, que nega a existência da desigualdade racial existente em nosso país, no qual negros e brancos possuem oportunidades e tratamentos iguais, sem privilégios. Na prática, não ocorre dessa maneira, os negros, possuem falta de oportunidades e direitos básicos, comparado aos brancos, tal circunstância deve-se ao fato de que a população negra é vista e tratada como inferior. Ao analisar tal situação Nascimento (1978, p. 41) afirma:

Erigeu-se no Brasil o conceito da democracia racial; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas.

A face do exposto se faz necessário uma análise problematizadora sobre o racismo no ambiente escolar, identificar se a história e a cultura negra realmente estão sendo trabalhadas na perspectiva educacional. Sendo assim, o presente trabalho busca analisar o racismo no contexto escolar, e as intervenções presentes. Na próxima seção iremos tratar mais desta temática.

2. RACISMO E ESCOLA

Nesta seção abordaremos o racismo no contexto escolar, com ênfase na educação infantil. A discussão está pautada nas relações étnico raciais existentes dentro da educação, de forma a impactar diretamente no processo de formação social dos alunos.

2.1. O racismo no contexto da educação infantil

O termo racismo não é desconhecido para boa parte da população brasileira, porém pouco se discute, ou se trabalha de maneira crítica e efetiva esse assunto em âmbito escolar. Mediante essa constatação se faz necessário problematizar o racismo na escola, suas causas e consequências de forma a identificá-las desde o início da sua manifestação, e como perdura e afeta as/os alunas/os.

É importante ressaltar que as práticas racistas possuem uma trajetória que persistem até a atualidade, e se faz necessário entender que falar de racismo, é muito mais que dizer “não” aos atos nitidamente preconceituosos e racistas, precisamos abranger um debate estrutural sobre o racismo e suas consequências, iniciando nossa busca pelo início da vida escolar. A sociedade foi amoldada a manter essa cultura opressora e agir de forma “involuntária” em situações racistas. Acabou por se tornar algo automático e instantâneo enraizado em nossa cultura, sendo transportada de geração a geração. Buscamos entender a partir de que momento, as práticas racistas podem ser manifestadas em práticas escolares e de que forma a educação escolar pode reverter essas situações.

Deste modo, é possível entender que uma pessoa não nasce racista, e sim se torna racista, mediante as situações diárias onde são expostas as situações racistas. Ao falarmos do âmbito escolar, é possível identificar que, as crianças possuem um mecanismo de reprodução, ou seja, repetem as ações que são vivenciadas, por exemplo, no círculo familiar, nas mídias sociais, programas de televisão e/ou internet. E tendem a repetir isso nos ambientes externos, em situações cotidianas. De acordo com Cunha Jr. (2008) na escola é corriqueiro “piadas e comentários racistas” na relação aluno-aluno, bem como tratamento discriminatório e racista por parte de professores. E isso na maioria das vezes passa despercebida, como se fosse normal, uma simples “brincadeira”. Parte-se da ideia de que a nossa sociedade normaliza atos racistas

dentro e fora de ambientes escolares. Não há atitudes que barrem ou que sinalizam uma ação desta como algo estapafúrdio.

Uma simples brincadeira, um apelido lançado de forma inusitada como forma de entreter ou divertir os colegas, preenche de forma negativa as afirmações sobre o racismo estrutural existente em nossa sociedade.

Deste modo o racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidados na organização da sociedade de certo modo privilegiando determinada raça ou etnia em dano da outra. Sendo assim se trata de um processo histórico no qual as classes subordinadas são submetidas à opressão e à exploração das classes dominantes, este conceito de racismo estrutural está aprofundado e enraizado na estrutura social e impacta as relações institucionais, econômicas e culturais

Nesse contexto, precisamos entender que uma situação como essa apresenta diversas reações entre as partes que exercem as que sofrem a situação e os terceiros existentes, aqueles que permanecem inertes, apenas observando, como por exemplo, nesse caso professores e gestores. Daí a urgência de entender o papel significativo que professores e gestores possuem em relação a não perpetuação do racismo, é urgente a consolidação de estratégias antirracistas nos espaços escolares. De acordo com Cunha Jr (2008) xingamentos e piadas estão internalizados em uma cultura racista que não possibilita identificar de forma crítica sua existência, pois os sistemas de educação censuram o racismo sistêmico que se encontra implantado em nossa sociedade. A forma interventiva nesses casos, reflete na vida destes que estão em um processo de formação escolar e crítica, são crianças em processo de estruturação do caráter, construção de suas identidades.

À face do exposto precisamos refletir acerca da importância das práticas antirracistas, identificando que a conscientização do racismo deve ocorrer no momento que uma situação desse tipo é evidenciada, sendo necessário ser tratada/problematizada de modo imediato, devemos praticar ações antirracistas para contribuir com relações mais humanas e abertas a diversidade.

O espaço escolar pode ser então um lugar para reverter, problematizar o racismo e práticas semelhantes, ao mesmo tempo pode contribuir para sua perpetuação, tendo em vista que essa perspectiva nos promove a concepção que a presença e proporção da educação em diferentes âmbitos sociais e não somente na escola. Nesse sentido a escola tende a permitir caminhos que favoreçam o respeito com acolhimento, ou a indiferença as práticas racistas. Para

isso se faz necessário discutir acerca da articulação entre a cultura negra e a educação, como estas se relacionam e a importância de práticas antirracistas dentro e fora dos ambientes escolares.

Partindo do pressuposto que a identidade negra se constituiu num processo árduo e gradativo, onde relações pessoais, históricas e culturais moldaram o significado desta identidade que abrange de forma coletiva a sociedade, identificar as práticas antirracistas como forma de intervenção necessita da atenção de educadores e gestores. Nessa perspectiva, ao pensar a escola como ponto de partida da formação crítica e social do indivíduo, considera-se o olhar sobre o negro dentro do ambiente escolar, e como sua identidade pode ser construída de maneira valorativa, como exemplifica Gomes (2003, p. 180):

Entender a importância da simbologia do corpo negro, a manipulação do cabelo e dos penteados usados pelos negros de hoje como formas de recriação e ressignificação cultural daquelas construídas pelos negros da diáspora poderá ser um bom tema de estudo e debate dentro da discussão sobre história e cultura afro-brasileira.

Refletindo sobre a atual situação de ensino no sistema educacional, é possível assimilar que as situações racistas são corriqueiramente praticadas, por sinal representa na maioria das vezes ações que são vistas em outros ambientes, e elas acabam sendo reproduzidas na escola. Os negros ao serem trazidos forçosamente ao Brasil povoaram e trouxeram consigo uma imensa bagagem de costumes, tradições, expressões corporais, entre outros, embora tenham sido duramente repreendidas. Explorando esse contexto as descendências africanas fazem parte do nosso cotidiano, em contrapartida a estruturação desigual e a discriminação contra os negros, se fez presente fortemente, perpetuando até nossa atualidade. Sendo assim, a autora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005, p 158) aponta:

Todo esse processo de aquisição de conhecimentos e de formação de atitude respeitosa de reconhecimento da participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira requer que preconceitos e discriminações contra este grupo sejam abolidos, que sentimentos de superioridade e de inferioridade sejam superados, que novas formas de pessoas negras e não negras se relacionarem sejam estabelecidas.

É de suma importância repensar sobre o racismo no contexto escolar, o que pode ser feito levando em consideração o que já se sabe sobre diversidades raciais, reconhecer a importância das marcas da cultura negra, independentemente da forma que são identificadas, pois fazem parte do nosso cotidiano e necessitam ser reconhecidas de maneira crítica e valorativa.

Nesse contexto, avalia-se também que situações racistas vivenciadas no âmbito escolar podem refletir negativamente na vida das crianças e adolescentes que internalizam esse tipo de prática como algo comum e sem importância. Esses prejuízos podem ser percebidos nitidamente na vida das pessoas que vivenciaram o racismo e que por várias vezes negaram a si mesmo, seus traços negros, devido ao medo e ao próprio receio de serem elas mesmas. Uma das marcas indenitárias do negro/a é o cabelo crespo, onde Gomes (2003, p. 173) menciona que o “corpo é à base da identidade negra, bem como os traços do cabelo crespo como uma marca da sua identidade”.

Ao analisar este cenário, as consequências sobre a negação da cor de pele, por exemplo, podem levar o indivíduo a ter a sua autoestima afetada. Ou seja, sua vida estará pautada na negação, o olhar sobre si passa a ser negativo e isso passa a afetá-lo. Além disso, o enquadramento da sociedade para o estereótipo do cabelo perfeito acaba por influenciar o indivíduo de cabelo crespo em procedimentos capilares que assimilem ao cabelo liso.

Nas escolas, muitas crianças com traços negros, acabam desenvolvendo a negação de si mesmas, mediante os estereótipos que a sociedade impõe, por exemplo, com relação ao formato de cabelo, são vários os casos de crianças que sofrem racismo por conta do tipo do cabelo. Muitas vezes, as mesmas, tentam modificá-lo na busca por uma identidade diferente das quais pertencem, ou sonham com um cabelo dito como “bonito”, de caráter liso, cor e tonalidade diferentes, padronizadas pela sociedade como algo bonito.

Ou seja, um cabelo crespo, não é bonito, pois não está dentro dos padrões que a sociedade impõe. Nesse contexto Ribeiro (2018, p. 33) afirma que “Uma mulher negra com cabelo crespo comumente ouvi piadas e é discriminada”. Isso reflete negativamente na vida dessas crianças que crescem internalizando algo preconceituoso, e os prejuízos sobre si e sobre a percepção de vida ficam totalmente infundados. Crescer com a ideia de que o cabelo crespo permite comentários maldosos, sendo cruelmente discriminada, estabelece a sensação de desprezo com o próprio corpo. Outra situação identificada na formação indenitária se dá com relação ao corpo desse indivíduo no qual possui seus traços marcados características fenotípicas. O rosto, o formato das mãos e pés possui fortes traços trazidos de geração a geração. Neste contexto, o processo de formação indenitária sofre intervenções que marcam o indivíduo, na forma como ele se vê e como o outro passa a enxergá-lo, ou seja, se não estiver dentro dos padrões exigidos pela sociedade, os seus traços e sua identidade precisam ser transformados para adequar-se aos padrões da sociedade.

Nesse aspecto, se faz necessário analisar o papel do professor e sua formação docente no contexto das diversidades. Sobre o olhar da docência é pertinente o questionamento sobre a formação dos professores, como ele veem e enxergam a questão da diversidade racial dentro e fora do ambiente escolar. Ao analisar seu papel de mediador, sua visão sobre si e sobre os alunos duas vertentes podem ser destacadas: a valorização ou rejeição de seus alunos. Antes de serem educadores, os professores são indivíduos que passam por um processo de formação a qual os capacitam para a profissão de educador. As diversidades étnico-raciais e demais categorias, passam despercebidas, são pouco debatidas no contexto escolar. Ao analisar uma situação racista no ambiente escolar, o professor, se isenta da responsabilidade de intervir naquela situação, sendo a mesma tratada sem importância. Nessa circunstância as práticas antirracistas são inexistentes, e o ciclo racista perpetua sobre a vida do agressor e da vítima.

A escola possui papel fundamental no processo de construção de identidade. A relação professor-aluno ultrapassa as paredes da escola, o aluno que se sente acolhido e amparado em uma situação que constrange e diminui sua capacidade permanece no caminho de construção indenitária, expandido suas raízes. Segundo Gomes (2003, p 07) o professor trabalha diariamente com sua imagem, e lida com indivíduos que estão construindo a sua própria identidade, a autora questiona como um educador lida com expressões do tipo como: “cabelo pixaim”, “não deu em nada, só pode ser coisa de negro” e “negro é tudo igual”. Essas expressões racistas evidenciam o racismo que permanece enraizado em nossa sociedade. As características presentes nos negros trazem consigo traços históricos, culturais que são hereditariamente repassados, geração a geração. Falar de forma preconceituosa sobre o corpo e cabelo negro, ofende um povo que possui um contexto histórico imenso e que precisa urgentemente ser respeitado.

À face do exposto precisamos refletir acerca da importância das práticas antirracistas, identificando que a conscientização do racismo deve ocorrer no momento que uma situação desse tipo é evidenciada, sendo necessário ser tratada/problematizada de modo imediato. Desse modo, as situações racistas são diariamente exercidas por pessoas que humilham, desprezam tratando outros indivíduos de forma inferior e depreciativa pelo simples fato de serem negros. As perceber que o racismo ocorre pelo simples fato de pessoas negras existirem, tendo seu passado constituído de marcas históricas em todo um contexto escravista, as práticas antirracistas devem ser acionadas e expandidas para que a sociedade passe a compreender a existência de pessoas negras com direitos iguais.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experiência racismo do lugar de quem   o objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas v o experi nciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos (Ribeiro, 2017, p.48).

Nesse sentido identificamos a necessidade de enfatizar as práticas racistas e paralelamente, promover atitudes interventivas que minimizem este problema. A face das realidades existentes em nossa sociedade, o diálogo   de suma importância para ampliar o conhecimento e promover as rela es saudáveis na diversidade. Em outras palavras evidencia-se, a necessidade de ressaltar a importância da discussão sobre a identidade negra e sua constru o, analisando entre tantas questões o ambiente escolar.

3. LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008

Neste capítulo a abordagem está voltada para a fundamenta o legislativa no que diz respeito a educa o e ao racismo. Conversamos com alguns autores sobre a importância das leis no processo do diálogo sobre as diversidades étnicas raciais.

3.1. Avanço na educa o: Cria o de leis 10.639/2003 e 11.45/2008

Ao analisar o racismo no contexto escolar,   possível identificar que vários fatores acabam por incidir nas práticas racistas, como discutido anteriormente. Nos ambientes escolares, o racismo pode ser exercido de todas as formas, verbal e não verbal, de forma agressiva, ou até passiva, cabe então aos educadores e gestores intervir nessas situa es conflituosas.

Em tese o racismo, assim que praticado   considerado como crime, de acordo com a lei 7.716/ de 5 de janeiro de 1989 que diz: “Art. 1  Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discrimina o ou preconceito de raça, cor,  tnia, religião ou procedência nacional. (Reda o dada pela Lei n  9.459, de 15/05/97). Deste modo entende-se que atos racistas são interpretados como crime, pois ofende e fere a dignidade de quem sofre. Em contrapartida, o estabelecimento dessa lei pode ser interpretado como uma forma rude de interven o as práticas racistas. Puni es existem como forma de disciplina e de certo modo, for am uma reeduca o que poderia muita bem ter sido implantando no início do processo de forma o do indivíduo.

Já que mencionamos a escola, como parte fundamental do processo de formação socioeducativo, ela passou por um processo de viabilização de leis e manifestações que constituem hoje as conquistas de pessoas que lutaram para que pudessem ser respeitadas, e que as práticas racistas fossem eliminadas. Em um contexto mais amplo é possível refletir que o racismo está presente desde o período da colonização de forma estrutural. Desse modo, mediante os manifestos e lutas dos afrodescendentes em prol do respeito, motivados pela busca da valorização da cultura negra, foram criadas leis pautadas no respeito e reconhecimento dos negros.

De acordo com Araújo (2021) a lei de nº 10.639/2003 promulgada em 9 de janeiro de 2003, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada com objetivo de atender as questões reivindicadas pelos negros, através de políticas públicas, a lei visa respaldar o respeito e valorização dos afrodescendentes na sociedade. Para que a lei pudesse ser atendida, vários movimentos foram criados com o intuito de exercer a valorização do negro no ambiente escolar. Manifestações que partiram dos próprios negros, que enxergavam a exclusão das suas contribuições como algo comum, sendo o negro parte fundamental da formação social e cultural do nosso país. Araújo (2021, p 282) afirma:

Há de se considerar que a proposta da Lei 10.639/2003 é revolucionária para a educação brasileira, pois ela propõe o estabelecimento de novas matrizes civilizatória para se pensar o Brasil a partir da educação. Ela questiona universalismos acadêmicos que domesticam a educação brasileira numa matriz branca, europeia, capitalista, cristã, machista, homofóbica e individualista.

A lei nº 10.639/2003 prevê entre outras definições o básico de um sistema educacional igualitário, sem exceções no que diz respeito aos direitos de todos para acesso a uma educação de qualidade, sem discriminação, a referida lei trata em seu artigo:

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Apesar de toda a evolução que já ocorreu em termos de leis, ainda há muito a ser reivindicado, o negro devido às condições socioeconômicas e estruturais, encontram-se em situações de desvantagens comparados aos brancos. Essas diferenças evidenciam que apesar das lutas, o poder aquisitivo concentrado na parcela branca da sociedade, permite o processo lento e desigual da educação. Araújo (2021, p. 286) acrescenta: “Essa reflexão nos faz perceber as dificuldades enfrentadas até hoje para a implementação da Lei 10.639/2003, na escola

brasileira que não mudou para recebê-la, e que é reflexo de toda uma construção advinda do racismo estrutural que permeia o Estado brasileiro”.

Em análise ao papel do educador, identifica-se que a sua formação não está dentro dos parâmetros estabelecidos pela lei, e isso não é algo determinante da sua concepção, e sim falha do Estado que não permite uma formação voltada para as diversidades. Essa precariedade de estímulos evidencia a reprodução do ensino metódico e discriminatório, excluindo a educação sobre os afrodescendentes. Assim sendo, a falta de ações adequadas perpetua o racismo estrutural, desse modo, o texto a qual a lei 10.639/2003 se refere em tese é revolucionário, mas quando comparado com a realidade é inexistente.

Nesse cenário, a educação como fator essencial de democratização educacional, possui obstáculos para concretização de uma sociedade igualitária. Posteriormente a referida lei foi alterada pela lei de nº 11.645 de 10 de março de 2008, onde foi acrescida a temática indígena, que estabelece: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2008).

A lei afirma que todo o ensino fundamental e médio, independente da modalidade de ensino (público/privado) deve estudar a história da cultura afrodescendente e indígena. Ora, essa mesma lei possui teor de lutas, desde sua construção até o produto, para que a educação possa ser um meio de democratização de culturas dentro do ambiente escolar. Visto que, nossa cultura possui descendências africanas e indígenas, portanto deve ser integrada a formação educacional de jovens e adolescentes, possibilitando assim a formação do conhecimento sociocultural.

Acerca da lei 11.645/2008 Moreira destaca que as escolas “Trabalham de forma superficial, utilizando apenas livros didáticos e repetições que nada trazem de novo, que não permitem nenhuma reflexão por parte dos alunos, ou seja, não contribui em nada para a diminuição ou mesmo a erradicação do preconceito”. Com isso, percebemos que o educador não possui aprofundamento nas questões raciais, o trabalho didático sobre a história do negro é tratado sem relevância. Diante do exposto, Menéndez, Oliveira, Dias (2021, p. 42) mencionam:

O desafio de trabalhar a questão étnico-racial no ambiente de educação está em proporcionar que as pessoas tenham a dimensão exata do modo como lidamos com a alteridade não apenas em nível global, mas no interior de nossas instituições,

localmente. Quando tratamos de diversidade cultural, estamos tratando de modos muito diferentes de entender o mundo e a vida.

Portanto, conclui-se que o nosso país, possui em sua formação cultural uma mutualidade de várias culturas, entre elas afrodescendentes. Mediante o exposto, a reflexão a ser feita é que por muito tempo, a negação e o preconceito contra as diversidades predominaram (e ainda predominam) em nossa sociedade, afetando principalmente os afrodescendentes. Esse fato influenciou lutas por uma igualdade de direitos, respeito e valorização. Com o decorrer dos anos, muitos foram os progressos alcançados no que diz respeito ao racismo antes praticado sem qualquer punição.

Diante do exposto, analisamos o contexto da estrutura social, onde recentemente foi sancionada a lei de número 14.532 de janeiro de 2023, a qual estabelece que:

Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. (BRASIL,2023)

Nesse sentido é possível identificar que a lei 14.532 de janeiro de 2023 promove uma punição para quem comete injúria racial. Ou seja, qualquer ofensa que seja direcionada a cor, raça ou religião de um indivíduo caracteriza-se como crime, onde o mesmo é penalizado .

Diante do exposto, é de suma importância ressaltar que o racismo precisa ser combatido, sendo necessário exercitar o diálogo como forma de conscientização sobre tais práticas. A falta de conhecimento, por muitas vezes molda o ser humano que não possui o hábito de aprofundar as suas ideias e conhecer sobre temas relevantes como este.

As leis foram criadas com o intuito de avançar o sistema educacional brasileiro, de modo a enaltecer a história e a cultura dos afrodescendentes. Em contrapartida, analisando nossa realidade, as instituições encontram-se longe de promover uma educação que promova e incentive as diversidades. Este projeto pretende analisar as situações racistas no ambiente escolar e o papel da educação como mediadora desse “problema” enraizado em nossa sociedade. A seguir trazemos os aspectos metodológicos da presente pesquisa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISES DE DADOS

Neste capítulo iremos abordar os procedimentos metodológicos necessários para o procedimento desta pesquisa. Este trabalho possui como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, sendo utilizado o procedimento de observação e entrevista semiestruturada. A observação contemplou um período de cinco dias, sendo realizados no período vespertino devido à disponibilidade de horário das estudantes. A entrevista seguiu uma estrutura de perguntas que foram elaboradas de acordo com as observações realizadas. Identificamos que alguns pontos precisavam ser questionados, num diálogo breve feito em nosso primeiro contato. Dialogamos com alguns autores, como: Triviños (1987) e Manzini (1990, 1991) e Freire (1970, 1987). Eles serviram como apoio e auxílio significativo na pesquisa de campo realizada com alunos e professores da escola EMEF Nazaré Rodrigues.

4.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

Com o intuito de debater a seguinte problemática da diversidade racial no âmbito escolar e a importância de se debater e trabalhar as relações étnico raciais na educação infantil nas séries iniciais do ensino infantil, pois é nessa fase que as crianças começam a construir sua identidade e a perceber as diferenças e semelhanças entre elas e as outras pessoas ao seu redor e sobretudo pela intensificação da construção da identidade delas. Acreditamos que a abordagem qualitativa consegue dimensionar de maneira aprofundada as dinâmicas de uma sala de aula em relação às questões étnico raciais, uma vez que a pesquisa qualitativa compreende os seguintes aspectos:

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16)

4.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A presente pesquisa foi direcionada utilizando as técnicas de observação e uma entrevista semiestruturada. Do ponto de vista de Freire (1970, 1987) compreende a observação, num contexto social determinado, como o primeiro momento de um conjunto de procedimentos a serem seguidos durante a realização de uma pesquisa. De acordo com Bránez (2013 p.3) diz que no âmbito escolar, a observação tem importância fundamental na compreensão e transformação dos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula, iniciando-se por uma série de questionamentos. Partindo desse pressuposto podemos concluir que a observação é a base para que possamos compreender todo o processo em sala permitindo aprofundarmos nos diversos questionamentos e reflexões durante a prática.

De início realizamos observação que duraram cinco dias para entender minimamente o contexto da sala de aula e observar características dos alunos e professora relacionados à temática das diversidades raciais. Após a observação foi realizado uma entrevista com a professora da disciplina de português e matemática, ela possui formação em Pedagogia pela Faculdade IESM.

Autores como Triviños (1987) e Manzini (1990, 1991) definiram e caracterizaram o que é uma entrevista semiestruturada. Para Triviños (1987, p. 146) essa metodologia tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias que se relacionam ao tema da pesquisa. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, essa forma de pesquisa pode-se obter informações de forma mais espontânea fugindo de uma padronização.

Neste trabalho foi realizado uma entrevista com uma professora que leciona no 2º período da educação infantil, sendo analisado alguns aspectos da turma para coleta de dados, quantidade de alunos, o ambiente da sala de aula, a rotina, os materiais disponíveis em sala

referente à temática das relações étnico raciais, e a relação entre aluno e professor. É preciso salientar que na semana de observação e contato com as crianças se decorreu num período em que se foi voltado fixamente para a questão racial no dia da consciência negra.

Ao problematizar as questões étnico-raciais identificou-se a necessidade do desenvolvimento de uma proposta de intervenção que possui em sua essência a pesquisa descritiva. Segundo Gil (2003, p. 42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Ao analisar a entrevista como meio de pesquisa, identificou-se, segundo Markoni e Lakatos (2017, pg.183)

A coleta de dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta dos dados previstos. É tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior.

Dessa maneira, pretende-se identificar possíveis práticas racistas e suas vertentes no âmbito escolar em uma turma de 2º período, e como a intervenção deve ocorrer de modo a extinguir ou minimizar as consequências advindas dessa prática. Com os resultados da pesquisa será possível mapear uma estratégia de intervenção por meio de uma proposta pedagógica através de estratégias estabelecidas em quadros, de acordo com a metodologia empregada por Silva e Oliveira (2023 p.68) “A proposta pedagógica será apresentada em quadros, que seguirão os seguintes descritores: objetivos, livros infantis, campo de experiências e habilidades de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), procedimentos metodológicos e duração de cada ação.”

4.3 DESCRIÇÕES DE CAMPO E SUJEITOS

A pesquisa de campo e a entrevista foram realizadas na escola EMEF Nazaré Rodrigues, situada na Rua Jamil de Miranda Gedeon, s/n, Parque Piauí no município de Timon-Ma. A escola tem funcionamento nos turnos manhã e tarde atende a educação infantil e ensino fundamental, é uma escola pequena com salas climatizadas, acessibilidade e espaços básicos que supre a necessidade dos alunos e colaboradores. A participante da pesquisa foi a professora titular da turma de 2º ano vespertino. A pesquisa se deu através da necessidade identificada por visitas já realizadas anteriormente a mesma, durante atividades nas disciplinas de Estágio

Curricular supervisionado na educação infantil e na disciplina de Estágio Curricular supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental. Também nos despertou o interesse na pesquisa, cursar a disciplina de educação e relações étnico raciais lecionada pela professora Emanuela Geovana.

Além disso, outros fatores contribuíram como a escola ser localizada próximo das acadêmicas e possuir uma gestão comunicativa facilitando nossas idas a escola.

Do ponto de vista de Silva e Oliveira (2023, p.54) “Assim se torna viável para se ter informações pertinentes a pesquisa, investigar apenas uma parcela pequena dos sujeitos, já que é impraticável pesquisar todos os indivíduos que são relevantes para a investigação, justificando assim a escolha de apenas uma professora da educação infantil e seus alunos. ” Dessa forma, acreditamos que pesquisar apenas uma turma e uma professora consegue dimensionar os objetivos pretendidos nesta pesquisa.

4.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Nesta parte da pesquisa temos como objetivo apresentar e abordar os resultados da pesquisa, evidenciado aspectos relevantes da observação e entrevista realizada com a professora de 2º período. Sendo assim os seguintes dados servirão para estruturação dos debates realizados neste trabalho, bem como a proposta de intervenção.

A coleta de dados deu início com as observações em sala de aula através da rotina, o convívio e relação aluno-professor e entre os próprios alunos. A turma analisada é instituída por 28 alunos com idades variadas entre 5 e 6 anos. Percebe-se de início que grande parte da turma é formada por crianças que possuem alguns traços afrodescendentes. A seguir apresentamos alguns aspectos observados.

4.5 OBSERVAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS

É perceptível que os recursos didáticos possibilitam a discussão da temática promovendo e incentivando a inclusão, o respeito, o reconhecimento, o entendimento e conhecimento sobre as diferenças presentes no mundo entre escola, aluno e a família, sendo uma forma desses grupos excluídos serem reconhecidos de maneira valorativa. Na observação

da sala de aula em estudo percebemos a falta de recursos espalhados pela sala que trabalhem as relações étnico raciais ou que promovam representatividade para as crianças (personagens negras), porém os diálogos entre a professora e alunos sobre a temática foram de suma importância para tal entendimento sobre ela. Tendo em vista os materiais observados como painel decorativo exposto no pátio da escola e cartazes espalhados tanto pelo pátio quanto em sala de aula, contribuindo para estruturação dos dados coletados, possivelmente tais recursos estavam dispostos por ser o mês da consciência negra, o que gerou uma indagação: e durante todo o ano letivo os recursos retratam a diversidade brasileira.

Foi muito emocionante presenciar a interação das crianças em meio à temática abordada pela escola como conjunto não só professora, mas também coordenação e administrativo. Uma contação de história foi utilizada como abordagem da temática étnico racial, a história “A menina bonita do laço de fita”, que conta a história de um coelho que deslumbrado com a cor negra de sua vizinha faz de tudo para ficar igual a ela essa apresentação leva ao aluno a importância e valorização do ser, auxiliando na reflexão quanto às semelhanças, diferenças étnicas raciais e sociais. Os alunos ficaram encantados com a história, fazendo assim várias reflexões de como é importante as diferenças e valorizando da forma que foi contato, tendo em vista que todos são importantes.

Essa identificação ou reconhecimento esteve presente na semana de consciência negra e diariamente em discussões em sala e fora dela, como pode-se observar nas imagens a seguir



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

A referida apresentação contemplou as turmas da educação infantil, bem como o ensino fundamental menor. De forma coletiva os alunos, puderam socializar as informações apresentadas pela história contada de forma lúdica.



Fonte: Arquivo das autoras (2024)

4.6 Observação da rotina em sala de aula e entrevista com a professora: apontamentos para o diagnóstico da realidade escolar

No decorrer das observações um ponto de partida foi a relação entre as crianças quando se fala em inclusão social e racial, dentre elas não observamos situações discriminatórias, embora alertemos que o período de observação foi curto. Apesar disso, foi algo que nos encantou até porque como diz Nelson Mandela (1995, p.61) “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.” Com este pensamento acreditamos que a sociedade, em suas diferentes instâncias, que contribui para a promoção e inculcação do racismo.

No último dia de observação optamos em aplicar a entrevista semiestruturada com a professora da sala em estudo. Para que seja preservada sua identidade e integridade iremos nos referir a ela como “Maria”. Ela era responsável titular pela turma de 2º período de turno vespertino nos dias de segunda a quarta ministrando a disciplina de língua portuguesa e matemática.

O professor na sala de aula assume papel dinâmico ao desenvolver e aprimorar métodos de ensino, ele possui uma função extremamente importante no processo de ensino e aprendizagem na escola. Porém, somos conscientes que a grande maioria dos educadores executa atribuições que vão muito além de suas funções, então, se ele administra todas as situações em sala, podemos dizer que o professor na atualidade assume a função de gerir uma classe e seus muitos conflitos existentes, ou seja, o educador também assume em muitas

situações os papéis dos familiares. Quando foi questionada sobre a importância de se trabalhar a educação racial, Maria, nossa entrevistada, mencionou que:

Em sala é trabalhado não somente nas datas festivas, mas diariamente sempre que possível e disponibilizado entre as outras disciplinas, ressaltando a importância de cada um e o seu papel na sociedade, incentivando sempre o respeito e que todos são iguais independente da classe ou raça, pois sabemos que um dos maiores problemas na escola é a discriminação racial.

Tal prática citada pela professora infelizmente herdada/construída do nosso passado escravista e que desencadeia diversos outros agravantes como: rejeição, *bullying*, intolerância religiosa e até mesmo violência física contra os alunos negros. Face o problema, compete ao educador mediar esse período de adaptação e auxiliá-los no que tange as diferenças raciais. Por este fato é de suma importância se trabalhar não apenas em datas festivas como o Dia da Consciência Negra, mas como Maria coloca diariamente como modo de rotina tanto em sala de aula quanto no convívio familiar. Souza (2017) traz o seguinte pensamento:

O período de adaptação é um momento de transição e todas as novidades na escola podem parecer intimidadoras aos olhos da criança. Quem precisa mediar à situação acolhendo os alunos, auxiliando-os em sua percepção quanto às demais crianças, é o educador. (Souza, 2017, p. 2-3).

É muito improvável imaginar uma escola onde o educador não seja participativo e dinâmico em sua trajetória, tais qualificações devem fazer parte do cotidiano no ambiente escolar principalmente em sala de aula. O educador é mediador do conhecimento, provoca situações de aprendizagem em que os alunos poderão repensar atitudes, inclusive o próprio preconceito racial. No convívio social, a aquisição de conhecimento, apesar de constante, é incompleta em formar o indivíduo para vivência em sociedade. Ela é complementada pelo processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no convívio escolar.

Por este ponto a importância de se trabalhar a educação racial em sala e fora também, para criarmos uma sociedade mais igualitária, sabemos que trabalhar essa temática na educação infantil é trabalhoso, porém com a didática mais elaborada e um processo contínuo se faz necessário. Questionada como era trabalhada a temática das relações étnico raciais em termos de metodologia de ensino Maria respondeu que: “Trabalhamos a educação racial e a inclusão de modo paradidático, utilizando músicas, rodas de conversas e atividades voltada para o étnico racial, não é sempre que é trabalhado devido ao cronograma, mas sempre que possível”. Isso nos mostra que tratar da educação para as relações étnico-raciais é também um ato político.

Essa é uma postura que docentes, profissionais de educação e pesquisadores podem trazer para si com o objetivo de serem multiplicadores e incentivadores de uma educação aberta as diversidades. Afinal, há uma dimensão política no fazer pedagógico. As escolhas dos temas e a forma de se ensinar está permeada de objetivos políticos, como Freire (2019) advertia, devemos estar atentos para que seja pelo propósito inclusivo e não eliminatório.

A professora ao ser questionada sobre situações em sala de aula, e como o educador deve agir diante de uma situação de discriminação racial, Maria enfatizou: “Sempre me policio, e policio os alunos em sala sobre o racismo. Já aconteceu de fulano, falar alguma coisa sobre o cabelo da coleguinha, sendo que todos em sala perceberam. Parei, e falei para ele e ao demais que ninguém deve rir ou debochar das características dos outros”. O combate ao racismo começa no respeito, o aluno possui suas características assim como os demais complementado a pergunta, questionamos se já houve casos de sinalização a direção da escola, sendo assim algo mais grave. Maria afirmou:

Acredito que a sala de aula é de responsabilidade do professor, como uma primeira instância, ou seja, tenho autonomia suficiente para resolver e ponderar as ações para que tais situações sejam revertidas. Nunca houve nenhum caso grave em sala, por questões raciais, sempre conversei com eles sobre temáticas como estas. Eu creio que o diálogo é a melhor opção, apesar de serem crianças e com pouca idade, elas observam tudo, estão em processo de formação crítica e social, por este motivo procuro utilizar isso de forma positiva para instruí-los da melhor forma possível.

Nesse sentido a escola está para incluir na formação educacional, questões éticas, políticas e sociais. Como afirma Freire (1967, p.101):

Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituísem no brasileiro, antigos e culturoológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição. Aspecto este já afirmado por nós várias vezes e reafirmado com a mesma força com que muita coisa considerada óbvia precisa, neste País, ser realçada. Aspecto importante, de nosso agir educativo, pois, se faltaram condições no nosso passado histórico-cultural, que nos tivessem dado, como a outros povos, uma constante de hábitos solidaristas, política e socialmente, que nos fizessem menos inautênticos dentro da forma democrática de governo, restava-nos, então, aproveitando as condições novas do clima atual do processo, favoráveis à democratização, apelar para a educação, como ação social, através da qual se incorporassem ao brasileiro estes hábitos.

A educação é uma das ferramentas no processo de ensino aprendizagem que colaboram para a formação crítica e social de um indivíduo. Por esse mesmo, observamos o poder que o educador e a gestão possuem nesse processo. Reiteramos que tal importância deve ser reconhecida, pois a educação básica permite que possam ser formados da melhor maneira possível. Nesse contexto, questionamos Maria sobre o papel da escola nas relações étnico raciais. Ela respondeu:

A escola possui um papel importantíssimo no processo de formação do aluno. Em outras escolas onde já lecionei, este tema não era discutido com tanta frequência, não presenciei nenhum fato muito mais grave, mas observei a falta de diálogo sobre tal temática. O racismo seguido de agressão é algo extremamente delicado. Aqui me sinto bem para dialogar e falar sobre todo e qualquer tipo de assunto, entendo isso como algo positivo e essencial no ambiente escolar.

A gestão escolar precisa entender a importância dessa temática para a transformação da realidade brasileira e de suas desigualdades. Com as observações e entrevista percebemos que há uma ciência na importância de se trabalhar essa questão, porém devido todo o sistema educacional e suas cobranças nos elementos curriculares como português e matemática a temática das diversidades é colocada em segundo plano, sendo relegadas para as datas comemorativas. É fundamental oferecer uma educação vasta tratando não somente as disciplinas básicas do currículo, mas também proporcionar uma educação mais justa, problematizadora e consciente.

Considerando os dados coletados e observados na escola pesquisada, e em experiências anteriores como em atividades curriculares realizadas pela Universidade Estadual do Maranhão onde tivemos a oportunidade de vivenciar a dinâmica desta escola percebemos que as questões étnicas raciais não são trabalhadas de maneira aprofundada, muitas vezes, inseridas apenas em datas comemorativas, como já apontado. Tendo em vista essa constatação da realidade da escola pesquisada desenvolvemos uma proposta de intervenção pedagógica que tem como intuito de conscientizar e promover a educação racial e respeito pelas diferenças étnicas e auxiliar para a formação da identidade das crianças afrodescendentes. Sendo tal proposta descrita no capítulo seguinte.

5. PROPOSTA PEDAGÓGICA

Ao identificarmos no contexto do âmbito educacional a necessidade de dialogar sobre diversidade, expandindo as questões étnicas raciais para promover assim o autoconhecimento dos alunos, além do conhecimento sobre a identidade negra, apresentaremos nessa etapa do trabalho uma proposta pedagógica que não será aplicada junto a realidade dos alunos devido o curto espaço de tempo. Porém, acreditamos que o presente trabalho poderá contribuir/incentivar práticas pedagógicas de outros professores da educação infantil, bem como possibilita que outros pesquisadores se debrucem nas possibilidades elencadas neste trabalho. A proposta possui o intuito de trabalhar ações positivas a fim de combater o racismo, pois:

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os (as) educadores (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores. (Gomes 2005, p 17)

Sendo assim a proposta possui o intuito de trabalhar as diversidades raciais no âmbito escolar apresentando a importância de se debater e trabalhar as relações étnico raciais na educação infantil, pois é nessa fase que as crianças começam a construir sua identidade e a perceber as diferenças e semelhanças entre elas e as outras pessoas ao seu redor e sobretudo pela intensificação da construção da identidade. A proposta possui como justificativa analisar as diversidades, trazendo situações que trabalhem as características das pessoas afrodescendentes.

Como fator primordial nessa pesquisa, o educador possui um papel fundamental nesse processo, como discorre Caprine e Deorece (2018) devemos compreender a concepção do profissional pensante, reflexivo e intelectual capaz de compreender as diversidades culturais em sua profissão como estratégia dinamizadoras. Em contrapartida, o profissional da educação não deve ser apenas “conscientizado” sobre o racismo, a sua formação deve estar voltada para discussões acerca das diversidades e relevância que essa temática possui no âmbito escolar. Nesse contexto Valentim (2018, p. 19) contribui:

Portanto, a cultura negra no Brasil deve ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por segmentos étnicos de origem africana, organizados em grupos, de maneira não isolada, mas no contato com outros grupos étnicos e povos. Com raríssimas exceções, a cultura negra, de um modo geral, faz-se presente no modo de vida do povo brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico-racial.

É inevitável pensar na cultura brasileira e não destacarmos a importância dos afrodescendentes no que diz respeito ao processo de construção sociocultural. Dessa maneira ressaltamos a relevância de utilizar o espaço escolar como forma de tratar as diversidades culturais, possibilitando assim uma formação crítica do indivíduo.

A proposta aqui apresentada possui o objetivo de proporcionar uma didática voltada para as diversidades raciais. A mesma foi elaborada de acordo com Silva e Oliveira (2023), as autoras montaram estratégias pedagógicas, sequenciadas e divididas para uma possível aplicabilidade. O presente trabalho segue essa ordem sequenciada, adaptada de acordo com a

necessidade encontrada, a qual foi dividida em um período de 6 meses bloco em 3 ações dividido em 2 meses cada ação com carga horária de 2h por dia, sendo assim 6h mensais, totalizando 36h ao final do projeto. O público-alvo dessa proposta são crianças de 5 e 6 anos, ou seja, o 2º período do ensino infantil. Desse modo, a mesma foi elaborada para ser contextualizada de acordo com a etapa educacional a qual os alunos encontram-se matriculados. A cada dois meses será aplicado uma temática diferente voltada para diversidades, a qual será aplicada de diversas formas durante o período determinado, incluindo brincadeiras, oficinas, contação de histórias, dinâmicas entre outras. Seguem as temáticas a serem trabalhadas:

- Temática 01: conhecendo alguns países africanos
- Temática 02: personagens negros (literatura)
- Temática 03: cabelo crespo

Esta proposta será dividida em seções caracterizadas em quadros com as seguintes informações: temática, objetivos, atividades a serem desenvolvidas, duração de cada atividade, habilidades e competências a serem desenvolvidas de acordo com a BNCC (Base nacional comum curricular). A seguir apresentamos o Quadro 1 que trata a diversidade a partir das suas origens, através da pesquisa sobre o continente africano. A proposta é que os alunos pesquisem sobre países da África, para que assim possam perceber os costumes, as características do povo negro, bem como suas particularidades. Esta ação pretende promover a princípio, o contato dos alunos com as diversidades, conhecendo e analisando as informações sobre a cultura negra de forma dinâmica.

**QUADRO 01-DEMONSTRATIVO DA 1ª AÇÃO
TEMÁTICA-CONHECENDO PAÍSES AFRICANOS**

OBJETIVOS	✓ Aprender sobre a história e a ancestralidade dos países africanos, a saber: África do sul, Moçambique e Nigéria. ✓ Identificar as próprias origens, fazendo assimilação com as origens africanas.
-----------	--

	✓ Conhecer o continente africano e alguns de seus países
ATIVIDADE(1ºMÊS)	✓ Em busca das origens
CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNCC)	(Eu, o outro, e o nós) *(EI03OE01) * Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão. *(EI03OE06) * Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa. *(EI03EO08) * Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º Encontro: Contextualizar o tema através de uma roda de conversa com os alunos, inserindo o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg ⇒ 2º Encontro: atividade sobre origens, os alunos irão montar uma árvore genealógica com fotos dos familiares para assimilarem suas origens ⇒ 3º Encontro: Será feita uma dinâmica com os alunos, quem sou eu? Os alunos pintarão seus autorretratos, inserindo seus traços físicos, compartilhando em seguida com os demais sua própria imagem.
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

No quadro 01 a temática possui como objetivo uma introdução acerca das origens afrodescendentes. A introdução para conhecer o continente africano, é de suma importância para desmistificar os estereótipos relacionados aos africanos e seus descendentes fazendo com que as crianças possam gradativamente se conscientizar sobre racismo, e o contexto em que praticas racistas são reproduzidas. Bem como o entendimento que as características afrodescendentes fazem parte da nossa origem, trabalhar o entendimento sobre si permite que a criança assimile as informações sobre a diversidade. Assim afirma Cavalleiro (2012, p. 38)

Promover uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceitos, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações. A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam solo brasileiro, desde a educação infantil-familiar e escolar. Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos e práticas discriminatórias sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças num período em que elas se encontram muito sensíveis às influências externas, cujas marcas podem determinar serias consequências para a vida adulta.

Inicialmente será contextualizado as questões étnicas raciais com um vídeo didático intitulado de: Normal é ser diferente, (Grandes pequeninos) disponível no YOUTUBE no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg, logo após uma roda de conversa será realizada para discussão do entendimento que as crianças possuem sobre as diversidades, momento em que elas podem se expressar.

No segundo momento, será feito uma exposição acerca das origens e ancestralidade, será exposto um modelo de árvore genealógica para que as crianças possam montar individualmente sua própria árvore, associando as informações sobre as diversidades, inserindo informações sobre seus antepassados. Essa atividade permite um entendimento das próprias origens, promovendo assim um autoconhecimento acerca das diversidades. Buscar informações sobre os antepassados, permite que a criança entenda o processo de miscigenação do povo brasileiro.

No terceiro encontro, a atividade estará voltada para o autoconhecimento. Nesse sentido, a atividade proposta, objetiva incentivar os alunos a realizarem autorretrato, de acordo com as suas características. Essa dinâmica, promove o entendimento sobre si e sobre o outro. Visto que após a confecção do autorretrato, os alunos irão compartilhar as imagens feitas, com os demais. Deste modo, a disseminação das diferenças ocorrerá de forma positiva, pois cada aluno, poderá enxergar as próprias características, e as dos demais. Logo, os mesmos serão instigados sobre as semelhanças e diferenças existentes em cada um, um modo de contribuir para a construção das identidades dessas crianças.

Ao finalizar os três encontros, será avaliado as informações por eles absorvidas, pois como Montessori (1989) afirma que não é relevante educar a criança, sem educar o seu interior. Ou seja, tratar as questões étnicas raciais, é de suma importância para promover uma geração de indivíduos conscientes sobre as diversidades.

No quadro 02 apresentaremos ações de exposição sobre a temática 01 abordada anteriormente. Nesta ação, temos como objetivo propor a exposição de forma lúdica e dinâmica sobre as diversidades raciais.

**QUADRO 02-DEMONSTRATIVO DA 1ª AÇÃO
TEMÁTICA -CONHECENDO PAÍSES AFRICANOS**

OBJETIVOS	✓ Identificar as características afrodescendentes e a importância para a nossa cultura ✓ Compreender a cultura dos de alguns países africanos ✓ Promover a análise da Descrever as influências negras sobre para a cultura brasileira.
ATIVIDADE(2ºMÊS)	✓ Conhecendo países africanos
CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNCC)	(Oralidade e escrita) *(EI03EO01) * Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. *(EI03EO07) * Manifestar oposição a qualquer forma de discriminação. (Eu, o outro e nós) *(EI03EO02) * Atuar de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º Encontro: Será contextualizado em uma roda de conversa sobre o continente africano, através de imagens e músicas, a professora irá questionar aos alunos o que eles acharam e pontos os quais acharam interessante. ⇒ 2º Encontro: Aula africana, os alunos irão com vestimentas dos países estudados (África do Sul, Moçambique, Nigéria), explicando a vestimenta. ⇒ 3ºEncontro: Os alunos irão montar uma oficina para expor de modo geral os resultados das pesquisas. Os alunos serão responsáveis por trazer comidas típicas dos países estudados
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

O quadro 02 possui como objetivo trabalhar a concepção dos alunos sobre o continente africano, a partir de três países, são eles: África do Sul, Nigéria e Moçambique. Inicialmente a aula consistirá numa roda de conversa, no qual a professora apresentará algumas imagens questionando se eles conhecem, o que significa entre outras perguntas chaves. Por exemplo, será exposto uma imagem da bandeira do país a ser estudado, os alunos serão questionados, se conhecem, ou se já viram, sendo assim abordado sobre os países. Eles serão orientados pela professora para pesquisar sobre a história, a cultura e as particularidades de cada país e

apresentar em sala o resultado da pesquisa. Além de explicar, eles abordarão essas informações de forma relacionada a cultura do Brasil, desta forma os alunos terão uma maior absorção acerca das diversidades.

Entender sobre as diversidades e a importância de trabalhá-las em sala de aula de forma interativa permite ao aluno aprofundar seus conhecimentos sobre o racismo. Nesse contexto Dias (2012) afirma que é de suma importância trabalhar a questão étnico-racial de forma lúdica na etapa infantil, logo essa abordagem deve ser voltada para a valorização do patrimônio cultural brasileiro, referenciando as origens indígenas e afrodescendentes, enaltecendo a história e a cultura desses povos.

Essa etapa contará com a imaginação dos alunos, que colocarão em prática as informações por eles pesquisadas. A primeira atividade realizada pelos alunos estará voltada para os países africanos, onde os alunos receberão um roteiro sobre os países que irão pesquisar com a devida ajuda e orientação da professora. Sendo eles (África do Sul, Nigéria e Moçambique). A pesquisa estará voltada para: idioma, comidas típicas, vestimentas e curiosidades. Consistirá na caracterização de vestimentas ou acessórios utilizados nos países apontados na pesquisa (África do Sul, Moçambique e Nigéria). A abordagem permitirá que eles tomem consciência sobre as diversidades, tendo mais empatia promovendo o aprendizado de forma prática e dinâmica. Assim complementa Gomes (2002, p. 43) “Pensar a relação entre Educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade”. Permitir que o aluno seja inserido no contexto, ao qual está sendo trabalhado possibilita uma maior interação entre o conteúdo abordado e o aprendizado do aluno. A escola como ambiente essencial de formação social, deve trabalhar com ações que destaquem a importância de trabalhar a diversidade de forma valorativa.

A terceira atividade, foi elaborada como complemento da segunda atividade, visto que a cultura brasileira possui em suas origens, traços africanos, nada melhor que pesquisar sobre a culinária afrodescendente. Essa etapa permite ao aluno a compreensão histórica sobre determinados alimentos, que aparentemente são comuns no nosso cotidiano, mas ao investigar de forma específica aprenderão seu contexto histórico. Nesta etapa será montada uma oficina, onde os alunos irão expor alimentos, e comidas típicas de origens africanas, consumidas em nosso cotidiano. A exposição contará com as comidas típicas, seguida de conceitos expostos através de cartazes produzidas pelos próprios alunos, podendo conter informações e imagens ilustrativas, promovendo assim uma aula dinâmica. Assim passando para a próxima temática desta proposta de intervenção.

Nessa parte da proposta iremos abordar os personagens negros na em sua literatura, a história do Brasil de modo geral são marcadas pela presença de negros, que foram trazidos de maneira violenta da África, onde foram escravizados durante o período colonial. Porém sua história não se resume a escravização, conhecer outras possibilidades de ser afrodescendente é primordial para romper estereótipos de inferioridade criados em torno desse grupo. A seguir, apresentamos no quadro 3, algumas propostas pedagógicas.

QUADRO 03-DEMONSTRATIVO DA 1ª AÇÃO

TEMATICA –PERSONAGNS NEGROS (LITERATURA)

OBJETIVOS	✓ Promover reflexão refletir sobre a falta de protagonistas negros nos livros infantis. ✓ Conhecer personagens de diferentes etnias, que protagonizam histórias diversas. ✓ Possibilitar o reconhecimento de narrativas valorativas sobre os negros a partir da literatura infantil.
ATIVIDADE(1ºMÊS)	✓ Protagonistas negros nos livros infantis
CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNCC)	Oralidade e escrita) *(EI03EO01) * Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. *(EI03EO07) * Manifestar oposição a qualquer forma de discriminação. (Eu, o outro e nós) *(EI03EO02) * Atuar de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º encontro: Antes de realizar a leitura do livro, perguntar aos alunos: Vocês já leram contos em que os personagens principais eram negros? Quais? Apresentar o livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”, de Rubem Filho. Após a leitura, destacar as diferenças entre o conto original (Branca de Neve e os Sete Anões) características dos personagens, lugar onde as histórias se passam, conflito do conto e final do conto. ⇒ 2º encontro: Conversar com os alunos sobre a história que será lida, “Rapunzel e o Quibungo”, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho questionando a eles: Como será a Rapunzel dessa história? . Apresentar o livro e realizar a leitura. Após a leitura, destacar as diferenças entre o conto original “Rapunzel” – e o conto “Rapunzel e o Quibungo”. Pedir aos alunos que ilustrem as duas histórias. ⇒ 3º encontro: Resgatar com os alunos os dois contos e sugerir que escolham um deles para ser contado oralmente a turma. Para finalizar incentivar que, para realizar essa apresentação, poderão fazer ilustrações e fantoches que acompanhem a encenação da história.
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

No quadro 3 tratamos a temática racial acerca da literatura afro-brasileira, sendo de suma importância para o desenvolvimento social como cidadão, trazendo representações positivas e valorativas das/os afrodescendentes, possibilitando assim o reconhecimento das diversidades e

consequentemente proporcionando relações pautadas na empatia e não no racismo, levando a criança se identificar de maneira positiva e perceber a importância de se valorizar aumentando sua autoestima, construindo o senso crítico e a reflexão sobre a temática em questão.

Tendo como objetivo central a estimulação da leitura promovendo a reflexão sobre o protagonismo negro através da literatura afro-brasileira, iremos trazer alguns livros que abordam a temática. De início iremos abordar o livro “Pretinha de neve e os 7 gigantes” de Rubem Filho, que traz a analogia ao conto original “Branca de neve e os 7 anões” levando a criança a outro espaço, o continente africano adaptando os elementos do conto para o contexto racial com falas atuais e modernas, promovendo a imaginação e levar a criança a se pôr na história. Levantando questionamentos para reflexão da temática.

No segundo encontro iremos relatar um outro conto que como o primeiro também faz analogia a um conto popular, “Rapunzel e o Quibungo” de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho que traz a história de uma menina nascida na Bahia, iremos abordar a temática apresentando os dois contos levantando questionamentos a respeito das diferenças.

Já no terceiro encontro iremos finalizar o terceiro mês com uma atividade trazendo novamente os dois contos para que apresentem o conto de forma individual trazendo o seu ponto de vista, estimulando a autonomia e oralidade. Por fim finalizaremos com uma apresentação que poderá ser apresentada por meio lúdico com fantoches ou ilustrações da forma como eles se sentirem confortáveis.

Essa prática educativa no letramento racial é uma poderosa ferramenta antirracista contra qualquer opressão que o indivíduo possa presenciar. A criança precisa se sentir confortáveis e confiantes no ambiente em que elas são propostas. Trazer outras representações de personagens negros é primordial para a construção das identidades de crianças afrodescendentes, bem como um instrumento de combate ao racismo, Souza (2019, p. 109) “A menina afrodescendente ficou por tempos esquecida, invisibilidade e caracterizada de maneira estereotipada na literatura infantil. Os sapatinhos de cristais até então utilizados apenas pelas princesas de fenótipo euro descendente ganham novas formas e contornos, tornando-se tênis com as meninas afrodescendentes”, desse modo tentamos trazer esse protagonismo negro na literatura infantil em especial a menina negra.

No quadro seguinte seguiremos a proposta da literatura afro-brasileira determinando outras estratégias pedagógicas.

QUADRO 04-DEMONSTRATIVO DA 2ª AÇÃO
TEMATICA –PERSONAGENS NEGROS (LITERATURA)

OBJETIVOS	✓ Estimular a leitura de livros com temática afro-brasileira ✓ Valorizar personagens e narrativas com personagens negros.
ATIVIDADE(4ºMÊS)	✓ Ser diferente é normal
CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNC C)	*(EI02F04) * Formular e responder perguntas sobre o livro da história narrada identificando cenários, personagens e principais acontecimentos *(EI02EF05) * Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais etc.
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º encontro: Iremos apresentar o livro “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um” de Lucimar Rosa Dias, após a leitura desenvolvermos uma roda de conversa em que iremos abordar a diversidade e características individuais. ⇒ 2º encontro: Trazer uma atividade lúdica “De frente ao espelho” colocando-as em frente ao espelho e ressaltando as diferenças e características entre si. Após isso realizar um desenho de si próprio e da sua família não esquecendo as características observadas. ⇒ 3º encontro: Será trabalho uma música “Normal é ser diferente – Grandes Pequeninos” trazendo novamente a reflexão sobre a diferenças, finalizando com uma apresentação do desenho feito no encontro passado.
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

No 4º quadro abordamos as diferenças, permitindo que as crianças tenham a oportunidade de se autoconhecer e conhecer o seu redor e as pessoas que convivem com elas. No primeiro encontro iremos abordar o livro “Cada um com seu jeito, cada jeito de um” de Lucimar Rosa Dias, este livro que traz a narrativa sobre uma menina muitíssimo especial, com suas sapequices e gostos peculiares de tão simples: gosta de pular degraus das escadas, de rodar no parquinho para lá e para cá; ela gosta de tantas outras atividades triviais, mas que deixam qualquer criança

satisfeita e entretida. Esse movimento de simplicidade contribui com a edificação de um modelo para elaboração da identidade positiva na infância, sobretudo, das meninas negras. Com esses livros iremos discutir as diferenças físicas e modos de ser de cada um, com uma roda de conversa será discutido a importância de conhecer, identificar e estimular a criatividade da criança. Essa discussão enriquece o desenvolvimento na aprendizagem como falado no letramento racial.

Já no segundo encontro será trabalhado uma atividade de forma mais lúdica, de acordo com Meyer (2008, p.22), o lúdico é importante para o crescimento das crianças inclusive intelectualmente, pois as brincadeiras trazem consigo “um brincar comprometido com a qualidade de vida da criança”. Como tratado no quadro 4 iremos tratar a diversidade racial com uso do lúdico e a partir da literatura.

No terceiro encontro será a finalização dessa temática buscando abranger todo o conceito das diferenças e de que é normal e tudo bem ser diferente, pois essas características que nos fazem únicos, auxiliando a compreensão e auto aceitação sobre esse tema tão discutido e vivenciado, não só no contexto escolar, mas também familiar. Sendo assim conhecer a diversidade e debater já nos primeiros contatos é de suma importância para a construção de uma educação aberta as diversidades. Desta forma, trabalhar as diferenças na educação infantil proporciona um bom convívio, valorizando aspectos culturais de outros povos assim como a de sua própria cultura, pois a diversidade é a fonte da nossa riqueza e da construção e desenvolvimento da nossa sociedade. A seguir no quadro 5 apresentamos a temática identidade a partir do cabelo crespo.

**QUADRO 05-DEMONSTRATIVO DA 3ª AÇÃO
TEMATICA-IDENTIDADE (CABELO CRESPO)**

OBJETIVOS	✓ Promover autoconhecimento, trabalhando imagem de si e a empatia pelo próximo ✓ Identificar as características afrodescendentes (cabelo, corpo) ✓ Trabalhar a representatividade do negro.
ATIVIDADE(5ºMÊS)	✓ Trabalhar a autoimagem
	(Traços, sons, cores e formas) *(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas,

CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNCC)	superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais. (O eu, o outro e nós) *(EI02EO02) :Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º Encontro: Será contextualizado a temática através do vídeo disponível: https://www.youtube.com/watch?v=hjCAGgv_G5c , que trata sobre a beleza e a singularidade dos cabelos crespos. Ele passa uma mensagem bacana sobre se amar do jeito que é, especialmente valorizando os cabelos crespos ⇒ 2º Encontro: Será realizado a seguinte atividade: meu crespo é de rainha que consiste em realizar uma atividade de artes fazendo assim uma menina com os cabelos caracolados. As instruções estão disponíveis em: https://youtu.be/rkAIvhOKneo . ⇒ 3º Encontro: As imagens montadas pela atividade anterior serão exibidas em um mural, construído pelos alunos.
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

Essa temática possui como objetivo a valorização das características afrodescendentes, com ênfase no cabelo crespo. O processo de construção da identidade inicia na educação infantil, nesse âmbito as interações com referências culturais, promove a valorização das diversidades, bem como o trabalho da representatividade do negro na sociedade. Desse modo,

Desde a mais tenra idade, deve-se trabalhar o assunto, privilegiando a questão da identidade, do respeito à diversidade e da autoaceitação. Toda a comunidade escolar deve estar inserida no desenvolvimento da prática pedagógica e não apenas os afrodescendentes, de forma em que fique claro que conhecer as variadas culturas é essencial, pois desperta na criança o respeito pelas outras pessoas independentemente da raça. (OLIVEIRA, p.46)

A diversidade encontra-se presente em toda a nossa sociedade, nas famílias, nas mídias, nos locais públicos e nas escolas. Todas as situações são propícias para o diálogo sobre a representatividade dos afros descendentes. Em contrapartida se não for enfatizado, esses mesmos locais acabam tornando-se o “gatilho” de muitas pessoas, que imposta pela sociedade, negam seus traços, na tentativa de enquadrar-se segundo a imagem ideal. Analisando esse contexto, o cabelo pode ser considerado como um problema social, que é habitualmente transmitido, sem qualquer tipo de importância. Nesse sentido, Xavier (2019) acredita que a

conscientização da identidade negra deveria iniciar incentivando nos alunos negros a aceitação da sua imagem, e conscientizando os alunos brancos sobre as diferenças, e que elas não podem ser um fator que determine inferioridade.

Como forma de trabalhar as diversidades étnicas raciais, a primeira atividade iniciará com a contextualização acerca das características afros descendentes, exibindo o vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=hjCAGgv_G5c. Em seguida o diálogo ocorrerá em torno das diferenças existentes, neste caso com ênfase nos tipos de cabelo. Os alunos serão questionados sobre os tipos de cabelos, que cada um possui, e como se sentem ao possuí-los.

No segundo encontro, os alunos realizarão a atividade: **Meu crespo de rainha**. No link a seguir <https://youtu.be/rkAIvhOKneo> segue as instruções de como realizar a atividade. A mesma consiste em confeccionar manualmente “bonecos (as)” com cabelos crespos, sendo essa atividade acessível e prática para realização. Cada um será responsável por montar seu boneco, com as características que quiserem, porém os cabelos crespos farão parte de todas as imagens confeccionadas.

No terceiro encontro, os alunos montarão um mural com as imagens confeccionadas no encontro anterior. O educador responsável pode montar um mural de acordo com a sua criatividade, porém segue um modelo localizado na página Pinterest como exemplo de mural a ser montado.

Imagem 3. Exemplo de Mural



Fonte:

<https://br.pinterest.com/isabelbenevenut/atividades-consciencia-negra>

Além das imagens, os alunos irão inserir mensagens acerca da diversidade. O que entendem sobre as diversidades raciais, e como podem evitar que pessoas negras sofram com práticas racistas. O mural deve ficar exposta em sala, e pode também ser compartilhado em outras partes da escola como forma de conscientização. Desse modo, os alunos serão incentivados a pensar sobre diversidade, as atividades propostas possuem a finalidade de conscientizar e executar na prática o diálogo sobre a representatividade negra. A seguir, no quadro 6 damos continuidade a temática do cabelo crespo.

**QUADRO 06-DEMONSTRATIVO DA 3ª AÇÃO
TEMATICA-IDENTIDADE (CABELO CRESPO)**

OBJETIVOS	✓ Identificar o cabelo crespo como parte da identidade negra ✓ Promover a aceitação das características negras ✓ Desmistificar os estereótipos voltados ao cabelo crespo pela (cabelo) da sociedade
ATIVIDADE(6ºMÊS)	✓ Trabalhar a autoimagem
CAMPO DE EXPERIÊNCIA HABILIDADES(BNCC)	(O eu, o Outro e o Nós) *(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos (Corpo, gestos e movimentos) *(EI03CG04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos (Escuta, fala, pensamento e imaginação) *(EI03EF05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convivem
PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	⇒ 1º Encontro: De início será apresentado o livro “Serena e seu cabelo crespo” de Nani Ertter, onde ensina as crianças a se orgulhar de seu cabelo Após a leitura faremos questionamentos sobre o cabelo crespo e suas peculiaridades, fazendo levantamento sobre os pontos importantes da história e suas concepções a respeito dela. ⇒ 2º Encontro: Traremos de volta o livro discutido no encontro anterior e faremos uma oficina de desenho como ponto principal para que possam representar o cabelo da menina apresentada no livro de forma lúdica;

	⇒ 3º Encontro: Será montado um salão de cabelo na sala de aula.
DURAÇÃO	Duração de 1 mês com três encontros. Carga horária por dia: 02h00min, totalizando 6h horas ao final da temática.

Fonte: Produzido pelas autoras (2024).

O quadro 06 propõe a continuação do quadro anterior, que traz várias formas de trabalhar a identidade negra através de atividades dinâmicas e lúdicas. A temática do cabelo crespo busca enfatizar, sobretudo a valorização do negro. O cabelo crespo, é uma marca evidente da história negra, e traz consigo um significado histórico de lutas. A ênfase no cabelo crespo aqui proposto foi elaborado com três encontros.

No primeiro será apresentado um livro didático **“Serena e seu cabelo crespo”** que de forma lúdica ensina as crianças a valorizarem o próprio cabelo, como pentear e cuidar do mesmo. O livro será debatido em uma roda de conversa com os alunos que serão questionados acerca da aceitação para com os cabelos crespos existentes dentro e fora do contexto escolar.

No segundo momento o mesmo livro será trabalhado, de forma prática. Os alunos serão responsáveis por montar desenhos, com materiais diversos que favoreçam as características do desenho. Para esse encontro, o aluno poderá contar com a criatividade, e montar seu desenho de forma lúdica e real. Essa atividade permite que os alunos reflitam acerca da representatividade negra nos ambientes sociais, assim como afirma Santos (2005, p.109) “A educação das relações étnico-raciais deve ter como objetivo primordial a formação de cidadãos, com vistas a promoção de condições de igualdade sobretudo no que diz respeito ao exercício de direitos sociais, políticos e econômicos.” Nessa perspectiva a reflexão acerca das diversidades devem ser dialogadas no início do processo educacional para que os alunos possam se desenvolver criticamente.

No terceiro e último momento, será organizado um salão de cabelo em sala. A organização fica por conta do educador, porém os alunos serão encarregados de levar adereços e cremes de cabelo para que assim o salão possa funcionar. Neste encontro, todos estarão disponíveis para cuidar dos cabelos e terem os cabelos cuidados. Essa ação permitirá ao aluno uma visão sobre o outro, não é suficiente somente falar de racismo como uma deficiência em nossa sociedade, precisamos tratá-lo. Logo essa forma de tratamento necessita ser interligada a demais contextos que o aluno vivencia, o ambiente escolar é propício para o início de gerações reflexivas e conhecedoras do racismo. Assim concorda as autoras Silva e Oliveira (2023, p. 86):

O ambiente escolar desempenha um papel crucial na abordagem das questões étnico raciais, já que reflete a sociedade e seus padrões comportamentais. Dado o

enraizamento do racismo na nossa sociedade, as escolas desempenham um papel fundamental na promoção de uma cultura antirracista.

Desse modo, a análise dessa proposta está voltada para o processo de conscientização dos alunos, no que diz respeito as relações étnico raciais. Propomos aqui também ações interventivas nesse processo de formação crítico e social dos alunos, visto que toda a proposta está voltada para alunos do 2º período da educação infantil, com idade entre 5 e 6 anos. Buscamos também promover a valorização da identidade negra, enfatizando as características afrodescendentes como marco histórico e social, que necessita ser seriamente reconhecida. Além disso, a proposta também trabalha o lado investigativo dos alunos, pois em algumas atividades propostas, o aluno deverá pesquisar mais informações sobre determinados itens, isso permite ao aluno acesso ao conhecimento de forma eficaz. Sendo assim, a proposta visa disseminar estratégias que foquem na valorização da identidade negra, sendo está uma das alternativas para evitarmos futuros jovens e adolescentes mal-informados, com conceitos e atitudes racistas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizarmos esta pesquisa apontamos uma escola para conhecermos sua realidade em torno de como trabalham as relações étnico raciais. Direccionamos assim um olhar sobre a escola e seus componentes para avaliar a realidade, buscando respostas sobre as desigualdades sociais no âmbito educacional. Ressaltamos aqui que nossa pesquisa também preza pela empatia, igualdade e respeito pelas diferenças. Além disso, não procuramos respostas negativas e/ou apontar erros, mas procuramos entender a realidade e possibilitar a construção e que promovam o acolhimento, convivência saudável e uma educação menos preconceituosa, assim nosso principal intuito foi de contribuir e dialogar com a escola campo.

Este trabalho teve como objetivo central a conscientização sobre o racismo na educação infantil, tendo em vista que a escola é um dos responsáveis pela educação da cidadania e pela formação do indivíduo.

O estudo foi realizado com a metodologia teórica pautada após com observações com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos para elaboração de uma proposta pedagógica de intervenção. De início tratamos o referencial teórico aprofundando a temática acerca do racismo no Brasil, após especificando um dos locais onde mais acontecem esse fato, a escola, logo após desenvolvendo a temática acerca das leis. Esses estudos foram imprescindíveis para podermos conhecer e melhor analisar a realidade da escola pesquisada.

Durante o processo de observação foi percebido a necessidade de estabelecermos um projeto em que contribuísse para o desenvolvimento e crescimento das crianças. As informações até aqui apresentadas partiram do pressuposto de algumas indagações feitas a nós mesmas como educadoras e humanas. Dessa forma, a proposta de intervenção elaborada nesta pesquisa tem como contribuição: conscientizar sobre o racismo, proporcionar a construção valorativa das identidades, construir um espaço de ensino-aprendizagem acolhedor e empático, trazer referências positivas de negros ainda na infância.

O racismo presente atualmente em nossa sociedade reflete as ações historicamente alocadas em nossa sociedade. Para estudar essa temática procuramos pesquisas sobre a história do racismo, desde o princípio até a atual conjuntura social em que vivemos. Conceitos e termos, foram aqui conceituados, buscando avaliar o contexto social em que os alunos estão e assim entender como o racismo se manifesta. Mediante o trabalho discurriremos sobre o racismo e suas vertentes, pois agir de forma racista consiste em associar o negro a inferioridade e submissão. Essas práticas, são aqui contextualizadas na realidade escolar, destacando a importância de dialogar sobre este assunto na educação infantil.

Em conjunto com essas leituras, as observações em sala de aula e a entrevista realizada com a professora, foram importantes para entender que o contexto pesquisado demonstrou uma falta de aprofundamento das relações étnico raciais na educação infantil.

Com base nisso passamos a identificar o direcionamento da nossa pesquisa. Sendo assim enfatizamos aqui a importância de trabalhar de forma didática sobre o racismo. A literatura, de uma forma geral, auxilia na compreensão do mundo e das relações humanas através da exposição dos contextos sociais existentes. Ou seja, por meio do texto literário, a criança pode ter contato com a realidade que o cerca e assim, ser capaz de elaborar e reelaborar melhor suas questões a respeito de si, do outro, do mundo e da vida. Além disso, utilizamos brincadeiras, como forma de proporcionar uma educação lúdica voltada para as diversidades. De uma forma ou de outra, estamos afirmando que existem inúmeras possibilidades de se trabalhar esta temática na educação infantil, não sendo mais aceitável que professoras/es desconheçam a temática ou não saibam como inseri-las em suas aulas. Com base nisso podemos afirmar que as escolas e os educadores precisam trazer formas diversificadas e lúdicas para trabalhar as relações étnicas raciais de maneira crítica para que ocorra a construção e desenvolvimento da criança em meio à sociedade, assim este presente trabalho pode ser uma inspiração ou guia para professores da educação básica, em especial da educação infantil, uma contribuição importante para a construção de uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magali da Silva. **Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo.** *Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, 2015.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN. 978-85-98349-75-6.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural, Feminismos Plurais**, Polen-São Paulo, 2019.

ARAUJO, Leonor Franco, **A LEI 10.639/2003 E SUA MAIOR IDADE. HÁ O QUE SE COMEMORAR?** Revista Docência e cibercultura, Rio de Janeiro-v.5.n.2, Pg 279-294, Julho de 2021.

ARAÚJO, Leonor Franco. **A Lei 10639 e sua maior idade. Há o que se comemorar?** Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 279-294, jul. 2021. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/57479/38462>. Acesso em: 06 mar. 2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRÁÑEZ, Leonor Nora Fabián. **OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA DE LE*: UM PROCESSO INICIAL DE REFLEXÃO CRÍTICA?** the ESPecialist, vol. 34, no 2 (132-151) 2013

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Um olhar sobre a educação indígena com base no Censo Escolar de 2008. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2009.** Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/censo/2008/Educacao_Indigena_estudo2008.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6º ed São Paulo. 2012

CUNHA, Junior, Henrique. **Tecnologias africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro 2008. BARROS

FREIRE Paulo. **educação como prática da liberdade**. 23ª ed. rio de janeiro: paz e terra, 1999

FREIRE, P. 1996/2007. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1970/1987. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala, Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**, Ed.48 rev. São Paulo-Global,2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo Ed Atlas 6º edição 2003.

GOMES , Nilza Lino. **ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão 2005

GOMES, M. de O. **Formação de professores na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos Belo Horizonte**. Tese de Doutorado 2012.

GOMES, Nilma Lino Gomes, **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

LIMA, V. V. **Competence: different approaches and implications in the training of healthcare professionals**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.369-79, mar/ago 2005.

MANDELA, Nelson. **Caminhada Longa para Liberdade Back Bay Books**; 1st Paperback Ed edição (1 outubro 1995)

MANZINI, E.J. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e roteiros**. In. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 1990,1991.

Marconi Marina de Andrade, Lakatos Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** /. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017

MENENDEZ, Larissa, OLIVEIRA, Ana.C.A,DIAS,José.A, **A Lei 11.645/08 e suas Implicações na Prática Docente na Educação Básica** arquivos do cmd, v. 09, n. 01, Pg-32-49, jan/jul 2021.

MEYER Emilio Peluso Neder. **A decisão no controle de constitucionalidade**. Imprensa: São Paulo, Método, 2008. Descrição Física: 447 p. ISBN: 9788576602798.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica: a descoberta da nova criança** (tradução de Aury Azélio Brunetti). São Paulo: Flamboyant, 1965./

MOREIRA, Rosângela Gomes, **LEI 11.645/08: a questão étnico-cultural na escola, Instituto Saber de ciências integradas**. Disponível em:<https://www.isciweb.com.br/revista/16-numero-01-2016/199-lei-11-645-08-a-questao-etnico-cultural-nas-escolas>. Acesso em 04/02/2024.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27ª ed. JR Botelho · 2020

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Ed PAZ E TERRAS/A Rua André Cavalcanti, 86, Fátima, Rio de Janeiro, RJ. 1978

ORTEGAL, Leonardo. **Raça, criminologia e sociologia da violência: contribuições a um debate necessário**. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 238, p. 527-542, 2016. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/231>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ORTEGAL, Leonardo. **Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 413-431, set./dez. 2018

RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos->

[presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf](#)

RIBEIRO, Djamila, **O que é lugar de fala? Livro de bolso** – Edição padrão, 14 novembro 2017
<https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt>

RIBEIRO, Djamila, **Pequeno manual antirracista**, Editora: SCHW ARCZ S.A, Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila, **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora: SCHW ARCZ S.A, Companhia das letras, 2018.

SILVA, Dianna Santos e OLIVEIRA, Vicencia Nascimento. **EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: um olhar sobre as contribuições da literatura infantil na construção identitária de crianças afrodescendentes na Educação Infantil**. Licenciatura em Pedagogia UEMA, Timon. 95, 2023

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007

SOARES, Adriana et al. **Diferenças de adaptação acadêmica entre estudantes do curso de psicologia**. Psicol. pesq., Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 93-118, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198212472019000300005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 22 fev. 2024. <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.27231>.

SOUZA, Amarílis da Guia de. **Criança, família e educador: estratégias de adaptação na educação infantil**. 2017. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos/RN, 2017.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães. **Entre tênis e cadarços – a literatura infantil afrodescendentes o que ensina o mercado editorial brasileiro?** UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI p160. 2019

TRIVINOS, Augusto N. S, **Introdução a pesquisa em ciencias sociais: a pesquisa em qualitativa em educação**. SÃO PAULO EDITORA ATLAS S.A. — 1987

VALENTIM, Duane. **Proposta de trabalho didático sobre conteúdo enunciação reportada sob uma abordagem educativa**. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo 238. 2018

VIANA, Matheus da Rocha, **Histórias de vidas, lideranças, lutas e espiritualidade de Maria Luiza Marcelino**. Universidade de Brasília – UnB; Brasília 2020

APENDICES:

Roteiro de Observação: (22/11/ 2023 à 28/11/2023)

✓ Local escolhido;

- ✓ Público-alvo;
- ✓ Horário;
- ✓ Descrição do Ambiente;
- ✓ Comportamento observado em sala de aula;
- ✓ Interação entre os alunos e o professor;
- ✓ Interação dos alunos entre os colegas;

Roteiro de entrevista: (REALIZADO NO FINAL DAS OBERVAÇÕES)

1. Qual a importância de tratar questões étnico-raciais em sala de aula?
2. Como as relações étnico-raciais são abordadas em sala de aula?
3. Qual a importância de discutir as relações étnico-raciais em sala de aula?
4. Como desenvolver a consciência étnico-racial no dia a dia em sala de aula?
5. Como se dá a metodologia de ensino em educação das relações étnico-raciais?
6. Qual o papel da escola nas relações étnico-raciais?
7. Como o professor deve agir diante de uma situação de racismo?
8. Qual o papel da educação no combate às desigualdades étnico-raciais?